

«Se é sinal de grandeza na vida ter adversários é uma prova de virtude não ter inimigos na morte».

Shopenhauer

ANO V — N.º 102
JANEIRO
27
1957

Respondendo a «O Cronista»

Sagres e o Monumento ao Infante

... a Igreja e a Humanidade devem a Sagres e ao seu Infante um serviço de inestimável valor.

SOBRE a decisão governamental de não ser erigido o monumento ao Infante em Sagres, recapitulámos, textualmente, da local publicada na 1.ª página de «O Cronista», bimestral que se publica em Lisboa, n.º 60, de 22-12-1956, as palavras que a seguir transcrevemos:

A ideia do monumento ao Infante D. Henrique foi posta de parte

«Aplaudimos vivamente a resolução do Governo desistindo da ideia de erigir um monumento ao Infante D. Henrique no promontório de Sagres. A notícia, que os jornais diários publicaram há dias, não esclarece os verdadeiros motivos que hajam determinado a decisão governamental.

Nunca fomos inteiramente favoráveis ao pensamento dum monumento àquele imortal português a ser erigido em Sagres, porque somos de

Por Luís Sebastião Peres
opinião de que figuras nacionais, de imorredoura memória, como a do Infante D. Henrique, devem ter um monumento, primeiramente em Lisboa, capital da Nação, e só depois, em qualquer outro local»

Poderão ser ponderosas as razões do «O Cronista», mas nenhuma fará esquecer que:

— Foi em Sagres que se instalou o grande príncipe, enamorado do mar, ansioso pelo desconhecido e sonhador de novos mundos;

— Foi no Promontório de Sagres que essa grande figura de cientista criou a sua escola náutica, e dali impulsionou as primeiras navegações que enfrentaram o Mar Tenebroso;

— Foi em Sagres que essa extraordinária figura de português se tornou o grande impulsor das navegações portuguesas;

(Continuação na 2.ª página)



O Dr. Aires de Lemos Tavares tomou posse do cargo de Presidente da Comissão Concelhia da U. N.

COM desconhecimento de muitos elementos nacionais locais, a quem um pequeno anúncio, nas montanhas dos cafés, passou despercebido, realizou-se no dia 20 do corrente, pelas 11.30 na Sala das Sessões dos Paços do Concelho a posse do sr. Dr. Aires de Lemos Tavares, antigo Presidente da Câmara, Comandante do Nucleo da L. P. e Delegado Regional da M. P. no cargo de Presidente da Comissão Concelhia da U. N.

Da Comissão Distrital de Faro, deslocaram-se a esta vila, os srs. Drs. José Correia do Nascimento, Presidente; António Henrique Balté, Vice-Presidente; e Trigo Pereira, secretário, que eram acompanhados pelo Dr. Fausto Piñeiro.

De Loulé, encontravam-se presentes os componentes da Comissão local: Drs. Faisca, Angelo Delgado e Manuel Correia e os srs. Albano Faisca e Engenheiro Neves Pereira, muitos nacionalistas e

(Continuação na 4.ª página)

Dr. José Ascenso

Foi nomeado Governador Civil substituto do Distrito de Faro, o Dr. José Ascenso, ilustre Reitor do Liceu Nacional de Faro.

A hora a que nos chega a notícia não nos é possível nota mais circunstanciada e por isso limitamo-nos a felicitar o Dr. José Ascenso e a oferecer-lhe a mais leal e viva colaboração.

Concurso fotográfico de «O Voz de Loulé»

Anunciámos no último número do nosso jornal, que se vai iniciar um Concurso Fotográfico.

A «Voz de Loulé» admite ao concurso todos os interessados e aceita todos os géneros de fotografia.

Podem concorrer amadores e profissionais e os motivos fotográficos do concurso serão ilimitados: fotografias de paisagens, (Continuação na 2.ª página)

Conheça a nossa terra



Encanta esta linda região do Barranco do Velho com o luxuriante e majestoso arvoredo, donde sobressai a brancura da pitoresca Pousada, situada a 513 metros de altitude

O Voz de Loulé

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.
Telefone 154

DIRECTOR
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRAFICA LOULETANA
Rua da Carreira, 42-44
Telefone 216



O problema da Educação

Notas à margem de um artigo de A. Santa Clara (2)

TERMINAMOS a nossa primeira anotação [Voz de Loulé de 13.12.56] com estas perguntas: Mas porque não tem progredido o nível moral? São as aulas de moral? (entenda-se: as culpadas). Há ou não factores reais e diferentes da aula de moral?

Formulámos tais perguntas porque A. Santa Clara anotara os dois factos que serviram de mote às considerações com uma referência à aula de moral.

Concluiu mesmo: seria errado se eu dissesse que noutro tempo havia moral sem haver Aula e hoje ha Aula sem haver moral. A coisa não é exactamente assim; mas aproxima-se muito.

Se a coisa não é exactamente assim mas se se aproxima muito, das duas uma: ou a moral que se ensina na Aula é avariada ou a Aula é insuficiente.

Não cremos que A. Santa Clara perfeile a tese encerrada no primeiro termo da alternativa uma vez que reconheceu (v. Correio do Sul de 27/12/56) a exceléncia e perfeição da moral cristã, que é a ensinada na discussão da Aula.

Se bem nos parece, defende a separação entre o ensino da moral e o ensino da religião, o que equivale a defender a eliminação de este último, pois tendo a religião uma doutrina moral própria, sem a concomitante apreensão desta não poderá ser ensinada e a ministração de duas morais, ainda que coincidentes mas com fundamentos incompatíveis, seria um absurdo.

Dispensemos então o ensino da religião!

Mas se A. Santa Clara afirma (Correio do Sul citado): ainda que distingue da religião, não julgo que uma moral racional, sem a atribuição de um fundamento religioso tivesse sido suficientemente eficaz para conter o homem no impulso das suas paixões... nem creio que alguma vez o pudesse vir a ser, é lícito perguntar: para quê, então o ensino de uma moral abstrata, tipo racionalista?

Por outro lado, ensinar a moral cristã sem a fazer compreender nos seus fundamentos, isto é, sem o ensino da religião de que é fruto ou corolário, seria o mesmo que reduzir o (Continuação na 2.ª página)

Hino de Sagres

A Casa do Algarve abre concorso, de 1 de Fevereiro a 4 de Março próximo — data do 563.º aniversário do nascimento do Infante D. Henrique —, para a música do presente HINO, oferecido para o efeito pelo presidente da sua Direcção.

As composições devem ser entregues sob legenda, acompanhadas de envelope lacrado, contendo a identidade do autor.

As composições devem ser entregues sob legenda, acompanhadas de envelope lacrado, contendo a identidade do autor.

As composições devem ser entregues sob legenda, acompanhadas de envelope lacrado, contendo a identidade do autor.

Brilha o Sol com mais fulgor
Sobre a Terra Portuguesa
Transmitindo à Natureza
Novo impulso criador!

E o próprio Mar, que se havia

Fechado a todas as quilhas,

Amplos rumos, novas ilhas

Dos abismos nos envia!

Coro:
Algarve das caravelas
— Sobre as ondas o primeiro —
Foi a luz das tuas velas
Que deu luz ao mundo inteiro!
Algarve das caravelas,
Nobre Algarve marinheiro!
O que te importa procelas,
Se na bênção das estrelas
Te vai Deus por timoneiro!

II
Mais alta, a cada bulcão,
Lá segue a Cruz dos Heróis,
Rasgando Estradas de Sóis
Nos vios da Imensidão.
E a voz das vagas ensina
A' lusa Fé tais milagres
Que já a flâmula de Sagres
Todos os Mares dominal...

Coro:
Algarve das caravelas
Etc . . .

III
Os grandes nomes da História
Não é preciso evocar.
Basta que os efeitos sem par
Se não percam da memória,
E assim, pelos séculos, fique,
Como divisa imortal
Da glória de Portugal.
A obra excelsa do Henrique!

Coro:
Algarve das caravelas
Etc . . .

REGIONALISMO

Homenagem ao devotadíssimo Presidente da Comissão de Turismo e Propaganda da "CASA DO ALGARVE"
HERMENEGILDO NEVES FRANCO

«Para praticar com dignidade e elevação moral o verdadeiro regionalismo, consubstanciado em sentimento de amor à nossa terra e região, é necessário cultivar e pôr em ação o espírito da fraternidade entre conterrâneos para se unirem, sem reservas, leal e sinceramente, em luta pelo progresso e engrandecimento do torrão natal».

Nada mais exacto; estas palavras saídas da brilhante pena de categorizado regionalista listo da Norte do País.

Na análise que elas me mereceram, vou mais além, dizendo: «Para se estar em associação com os conterrâneos num organismo regionalista, que tenha por finalidade pugnar pelos in-

teresses da terra onde nascemos, não é necessário abdicar de credos políticos ou religiosos».

Sempre considerei as Ca-

(Continuação na 2.ª página)

O Dia do Estudante

As Associações dos Estudantes de Lisboa, preparam cuidadosamente o programa das comemorações e festividades com que pretendem assinalar o dia 6 de Fevereiro próximo, considerado o Dia do Estudante.

Assim está prevista uma Manhã Desportiva no Estádio Universitário, um espetáculo preenchido pelo Orfeão Univeritário do Porto e seus agrupamentos de variedades e um jantar de confraternização na A. E. do Instituto S. Técnico.

Realizar-se-á igualmente os II Jogos Florais universitários de poesia, cujo regulamento temos em nosso poder ao dispor dos possíveis concorrentes desta localidade.



O Carnaval de Loulé

- Categorizados grupos folclóricos de Andaluzia
- 3 Conhecidos artistas-decoradores contratados
- Comboios extraordinários de Lisboa
- Serviço especial de automotoras
- 4 Dezenas de carros inscritos
- Novas concepções em ornamentações
- Ligações a todos os combóios e automotoras, asseguradas pela E.V.A.

TUDO isto indica que podemos confiar antecipadamente na beleza e originalidade dos carros alegóricos, na elegância e bom gosto das ornamentações, na concepção plena de Arte dos mais pequenos pormenores desta Batalha.

... Indica que haverá «mobilização geral» dos auto-carros da E. V. A....

... Indica que este ano é ainda mais acentuado o entusiasmo na nossa vila e nas freguesias rurais na confecção de carros...

... Indica que a concepção dos desenhos para carros e a sua perfeita execução está garantida com a assistência de 3 artistas-decoradores, que já estão trabalhando activamente. Assim, o apreciado artista

louletano João Campos, cuja experiência e bom gosto o têm acreditado como principal orientador-técnico dos melhores carros executados em Loulé, terá novamente este ano como seu colaborador o artista-decorador Manuel Lopes que no Carnaval passado deu sobrejas provas da sua extraordinária habilidade.

Também desde há dias se encontra em Loulé o nosso conterrâneo e maquetista Au-

(Continuação na 4.ª página)

«Loulé... em retrato»

ELE que: — Sim, não está certo que se você gosta de mim, se quere manter o namoro, se eu estou no báile, ande a dançar com outros!

Ela que: — Não, nós temos namoro, de facto, mas não somos noivos, somos apenas namorados e não fica bem que eu danse só consigo.

Os meus pais não gostariam, isso seria reparado por todos e se eu ando, pô blicamente, a dansar conigo só, comprometo-me e se amanhã o nosso namoro acabar, sou prejudicada.

Mas você pensa em mais algum homem, ou pensa em mim só? Se pensa em mim, melhor, se gosta de mim, se na realidade me tem amor, você deve considerar-me exclusivista nas suas preferências... Agora, se vo. é não tem a certeza de que gosta só de mim, se o seu amor é condicionado pelo poder vir ou não vir a casar comigo, pelo gosto ou aborrecimento dos seus Papás, pela opinião ou conceito das outras pessoas, há-de concordar que eu tenho o direito de duvidar da sinceridade desse seu sentimento.

Mas, você comprehende: Eu gosto de si, estou naturalmente inclinada pela sua pessoa, não me repugna a ideia de que você é capaz de vir a casar comigo, mas o que acho é que é ainda muito cedo para essas tendências exclusivistas, para esse domínio total da minha vontade ou das minhas acções.

Bom! Nesse caso eu vou também dansar com todas. Você não se pareça mal porque, se quanto a si, há o receio de se comprometer, de desagradares aos Papás, de se prejudicar no seu futuro, eu vou procurar encontrar uma rapariga que quando gostar de um rapaz seja de alma e coração, sem reservas de condicionalismos, de cálculos materialistas, de convencionalismos.

Olha! Olha! Para onde é que você vai! Vamos lá devagar, não precipitemos as coisas. Eu não

Concurso fotográfico de «A Voz de Loulé»

(Continuação da 1.ª página)

de crianças, de animais, instantâneos, etc.

Todas as semanas publicaremos no nosso jornal «A Fotografia da Semana» que será seleccionada entre as melhores que nos forem enviadas. Será prémios aos autores das Fotografias da Semana que sairão os vários prémios e Menções Honrosas (para cada género haverá três prémios e três Menções Honrosas).

As fotografias recebidas para este interessante concurso serão classificadas nas seguintes modalidades:

Fotografias de paisagens.
» » crianças.
» » animais

Instantâneos.

Outras fotografias.

Os prémios a atribuir não estão ainda relacionados, mas próximamente os indicaremos para conhecimento dos concorrentes.

Vamos, pois, concorrer ao Concurso Fotográfico de «A Voz de Loulé».

Já na próxima semana publicaremos a Primeira Fotografia da Semana. Vamos então ver qual é o primeiro Artista a evidenciar-se no nosso popular Concurso.

o conheço ainda bem. Não sei se você é católico ou judeu, se você é rico ou pobre, se as suas famílias poderão ser aceites ou não, pelas minhas, não sei, inclusivamente, que vida você tem levado até hoje. Se tem namorado muito ou pouco, enfim, você compreende, há um mínimo de coisas que têm de ser observado do seu lado e acho que você deveria, se realmente pensa em mim a sério, fazer o mesmo, quanto ao meu lado.

Bom, pelo visto, o que você precisa é de tomar conhecimento da parte materialista que pode servir de base a um romance de amor! Não é assim?

Ora, pregunte, que eu direi!

Vejo que nos vamos entendendo: você tem curso? Quanto tempo joga você que falta para estar em condições de se casar? A quantas raparigas já se declarou?

Ainda não me disse qual a opinião de seus Pais, a respeito de mim e da minha gente.

Você gosta de mulheres que sabem cosinar ou não se importa com isso?

Nesta altura do baile, o rapaz dava mostras de alienação mental. Batia o pé e assobiava só em sopro.

Por fim, arreliado, com tanta coisa que se lhe exigia, volta-se para a porta e dispara-lhe esta pergunta:

— Ah! Já vais aí?

A título de esclarecimento: Este diálogo passou-se entre uma pessoa de Loulé e outra de São Brás.

REPORTER X

A Voz de Loulé — Loulé
Nº 102 — 27-1-1957

Tribunal Judicial Comarca de Loulé ANUNCIO

(1.ª publicação)

Pela Primeira Secção de Processos da Secretaria Judicial, desta comarca, e nos autos de **Acção de Divórcio Litigioso** que a autora, **Maria da Piedade Crísitina**, doméstica, residente no sítio do Cérro de Alfeição, freguesia de S. Sebastião, desta comarca, move contra o réu, seu marido, **Manuel Rodrigues Filipe**, trabalhador, auseute em parte, incerta da República Argentina e cujo último domicílio conhecido neste país, foi, no sítio de Alfeição, freguesia de S. Sebastião, desta comarca, correm éditos de

trinta dias, a contar da segunda e última publicação do presente, citando o referido réu, para, no prazo de **vinte dias**, findo que seja o dos éditos, contestar, querendo por meio, de impugnação ou exceção o pedido feito pela autora, que consiste no divórcio litigioso, entre ela autora e o citando, com o fundamento dos números segundo e quinto do artigo quarto do Decreto de 3 de Novembro de 1910, e, constante do duplicado da petição inicial que se encontra patente na Secretaria Judicial, desta comarca, para lhe ser entregue quando solicitado.

Loulé, 22 de Janeiro de 1957

O Chefe da 2.ª Secção

Joaquim Guerreiro

Verifique a exactidão.

O Juiz de Direito

Marino Barbosa V. Júnior

Parteira
Enfermeira-Puericultora.
Av. José da Costa Meaia, 38 — Loulé.

Chaufeur

Com carta de ligeiros e pesados, oferece-se.

Informa nesta Redacção.

Luis Sebastião Peres

Albufeira

Por conduzir na via pú-

blica um tractor sem a re-

spectiva carta de condução,

foi autorizado por um agente

da P. V. T., e enviado a tri-

balho o sr. Vitorino Silves-

tre Fernandes.

Encontra-se compla-

mente restabelecido de uma

queda que há dias dera,

quando seguia de bicicleta

o nosso amigo sr. Joaquim

da Silva Quintino, distri-

buidor Postal nesta vila.

O representante do fa-

moso sabão «Fog», segun-

do consta, pretende instalar

«Fábrica» no sítio da

Mosqueira.

A. Leote

“AMAZONA”



O café que todos preferem

O mais puro

O mais delicioso

Preparação especial de

Manuel Leal Farrajota

LOULÉ

Homenagem a Hermenegildo Neves Franco

(Continuação da 1.ª página)

sas Regionais um forte sintoma de vitalidade e de consciência organizada e útil; instituições que têm uma salutar e profícua missão a cumprir, não podendo portanto, negar-se utilidade e eficácia.

É o caso da nossa casa Regional.

As suas actividades têm sido — em boa hora o afirmamos — dumha eficiência inegável. Todos os algarvios o sabem.

Negar se-lhe esse mérito, é falsear a verdade, sobretudo no que diz respeito à acção desenvalvada pela sua Comissão de Turismo e Propaganda, a que preside há muitos anos o nosso muito amigo e devotado algarvio: Hermenegildo Neves Franco.

Ainda não se apagou da nossa mente os ecos da Grande Excursão realizada em Maio e que obteve êxito estrondoso.

São as inúmeras e brilhantíssimas Conferências e a série de intervenções oportunas e justas, em defesa do seu Algarve; são ainda as memoráveis notícias algarvios no Coliseu e no Pavilhão de Desportos, com a vinda de dois dos mais categorizados Grupos do Folclore algarvio à Capital; todo um somatório de dedicações e de dinamismo em luta constante pela sua província.

Tudo isto, torna-o criador da homenagem que a sua Casa Regional lhe vai hoje prestar.

Justíssima sob todos os pontos de vista.

Vivemos numa época em que «todos não somos demais» para conseguir-se algo de progresso e vitalidade para o torrão que nos serviu de berço.

Hermenegildo Neves Franco, o prestigioso Presidente da Comissão de Turismo e Propaganda da Casa do Algarve, merece, de todo o Algarve, o seu muito obrigado.

O Presidente da Comissão de Turismo e Propaganda da Casa Regional Algarvia, em Lisboa, é digno de mais essa prova de consideração dos seus compatriotas, sem distinção de cores e simpatias.

Nós, neste dia de Festa para o Algarve, lá estaremos para o abraçar e dizer-lhe o nosso muito obrigado!

Luis Sebastião Peres

Imprensa Regionalista

DE há muito que a imprensa regional se vem queixando de que se encontra desprezada do interesse e proteção das entidades oficiais e de não ter um organismo que representa os seus interesses morais e económicos.

Que pesam sobre ela encargos incomportáveis, sem regalias compensadoras.

A sua ação regionalista em prol da Nação tudo dá para enaltecer as suas regiões, tomando iniciativas de carácter assistencial e cultural e impondo e prestigiando a política nacionalista, mas que se vê sempre em embarracos para bem cumprir a sua dignificante missão.

Enfim, pugnando porque fosse criada uma organização com a idoneidade suficiente para defender os seus interesses.

Depois de algumas tentativas frustradas, constituiu-se no primeiro de Novembro do ano fundo, a Associação da Imprensa Regional e Técnica, com a finalidade preconizada nos articulados anteriormente publicados na mesma imprensa.

De esperar seria que todos os paladinos que lutaram pela realização de tão anseada instituição, acoressem a inscrever-se nela.

Porém, como aconteceu com o proclamado «Congresso da Pequena Imprensa» e o extinto «Sindicato da Imprensa Portuguesa», a grande maioria dos jornais periódicos, contentaram-se em dar a sua adesão no período de organização, sem, contudo, dar mais um passo para a realização dos fins tão desejados.

Como é óbvio, a Asso-

Sagres

e o Monumento

(Continuação da 1.ª página)

Em Sagres que o Infante, se firmou como verdadeiro iniciador da idade moderna, encarnando o espírito universalista dos portugueses;

— E' ainda no Promontório que o Infante viveu e no seu posto, em 1460, faleceu com 66 anos de idade e mais de 40 de trabalho incomparável pela descoberta de novos mundos.

Se outras razões mais fortes não houvesse — que as há certamente — bastaria as que apontamos, para impôr Sagres como o local próprio e primário do que qualquer outro para se erigir o grande monumento ao Infante — justamente conhecido pelo «Infante de Sagres».

— Primeiramente era no Porto, depois no Bugio; agora e Lisboa.

— Não é por sermos algarvios, o monumento ao Infante: só em Sagres!

— Não se deve tirar ao Algarve essa glória universal, por ter sido nesta histórica parcela de nacionalidade portuguesa, que Portugal viveu uma época que marcou toda uma epopeia espantosa de uma pequena Nação!

— Por este ambiente histórico que o Algarve viveu, que discordamos de «O Cronista».

Luis Sebastião Peres

ÍNDICE

Continuamos a receber regularmente os serviços de permuta do Arquivo, «Recortes da Imprensa Índice» com várias referências ao nosso jornal, o que muito agradecemos.

Daqui recomendamos aos nossos leitores interessados nesta excelente organização, útil a qualquer actividade e cuja sede se encontra instalada em Lisboa, na Rua Eduardo Coelho, nº 35, 3.º andar, esquerdo, telefone 28240.

Albufeira

Por conduzir na via pública um tractor sem a respectiva carta de condução, foi autorizado por um agente da P. V. T., e enviado a tribunal o sr. Vitorino Silves-

tre Fernandes.

Encontra-se completamente restabelecido de uma queda que há dias dera,

quando seguia de bicicleta

o nosso amigo sr. Joaquim

da Silva Quintino, distri-

buidor Postal nesta vila.

— O representante do famoso sabão «Fog», segundo consta, pretende instalar «Fábrica» no sítio da Mosqueira.

A. Leote

Realizou-se no passado dia 6, na Aldeia da Tor, a tradicional festa em honra de N. S. de Fátima.

A Festa constou de Missa solene com pregação ao Evangelho, pelo Rev. Padre Luiz Celato e à tarde, solene procissão.

Foi notável a boa vontade dos fiéis desta Aldeia, que concorreram com bastantes ofertas para o brilhantismo da Festa.

— No passado dia 5 de Janeiro, consorciaram-se, na Paróquia desta freguesia, a sr.º D. Maria José Guerreiro dos Santos, filha do sr. Francisco Inácio Guerreiro e da D. Maria do Rosário Viegas e o sr. José Pereira Gonçalves, filho do sr. Manuel Gonçalves e da D. Rosa Pereira.

Testemunharam o acto

Cultura Louletana

ENFIM, isto vai animando. Já vêm aparecendo muitos novos, oferecendo colaboração, querendo demonstrar interesse pelas manifestações literárias e poéticas e este facto sensibiliza-nos e anima-nos.

Ainda bem que a mocidade mostra saber reagir, uma coisa que julgávamos quase postergados por outras diversas mais prosaicas e materiais,

O conto de hoje, em prosa, intitula-se:

Dizer mal...

NAMORAVAM perto da minha casa. Ela, uma gentil costureira trabalhava num alfaiate da vila. Ele, não era de Loulé, julgo que seria empregado do caminho de ferro.

Nos dias que estava de folga, preparava a sua bicicleta e vinha todo sorridente e feliz, com um pequenino embrulho — sempre de papel branco — que, naturalmente, continha um farnel para ser comido ao almoço.

Era em geral, às sextas-feiras o seu dia e os toques de buzina que começavam às 8 horas, serviam-nos em casa, de despertador naquele dia.

Estimavam-se muito e conversavam ora passeando, ora sentados debaixo de uma árvore, amenamente, trocando palavras de afecto e votos de eterno amor.

Nunca se ouviam discutir.

Ela faltava sempre ao mestre, naquele dia e, era de ver, como se apresentava garrida e louça, feliz e contente, entusiasmada com um namoro que, pela sua fidelidade e constância, prometia um futuro venturoso.

Tempos passaram e notámos que uma sexta feira, seguia de oura e outra, não tornaram a juntar-se.

Ela já não começava a cantar nas manhãs de sexta-feira, já ia ao trabalho nesse dia e a sua tristeza era manifesta.

Que se teria passado?

Andávamos intrigados com a súbita interrupção daquele namoro que, tudo nos dizia, estava em vias de arrumação.

E um dia proporcionou-nos a explicação: Um golpe

PIPAS

500/700 litros de capacidade compram João Pires & Filhos, Lda Telef. 18 — FARO.

Só para miúdos

Envie 10\$00 em selos de correio e receberá um lindo CINEMA em FOLHA e 200 filmes. Pedidos ao representante: Casa Brasil — TA-VIRA.

de bairrismo por Loulé, estava no âmago daquela tragédia amorosa.

O rapaz disse-lhe um dia que Loulé era terra de montaneiros, que não tinha com bôbo, que não tinha futebol, enfim, disse de Loulé o pior.

Mas o pior foi quando ele lhe disse, que se chegasse a casar, nunca mais punha os pés em Loulé!

Já ferida no seu grande orgulho de louletana, por tantas depreciações ouvidas, já farta de tanto argumentar em defesa da sua santa terrinha, ela então explodiu:

— Querias então que eu me privasse, para toda a vida de ver tudo aquilo que, fica sabendo, não há igual em qualquer terra, cidade, vila ou aldeia do Algarve!

Deixar de ver a Avenida, que todos os dias piso há tantos anos, com as minhas companheiras; as Batalhas de Flores, nas quais tenho tomado parte; a Festa da Mãe Soberana; as ruas da nossa terra tão limpas e belas; a gente que eu conheço tão pronta a ajudar um pobre com as suas festas; este sítio tão lindo onde moro, para receber em troca, o quê?

Não, tu não me mereces e o teu amor não é tão forte nem tão sincero que te leve a sobrepor lo à tua feia e corrompida cidade que eu de testo.

Vai-te, e não tories a apressar para falar mal de Loulé, porque se os meus vizinhos e os meus pais o soubessem, passavas um mau bocado!

Valente louletana e como eu recordo com alegria o dia em que a conheci e me contaram a história do único namoro que tinha tido.

ZÉ MANEL

A Bela

Loulé, linda vila portuguesa
De fama e de beleza sem igual.
Tu és entre todas com certeza
A mais formosa do nosso Portugal.

És terra hospitalaria e sempre querida
De todo o forasteiro, que por ti passa
Que louva e admira a tua vida
De gestos nobres e de tanta graça.

Atrais muita gente a visitar-te
Pelas lindas Batalhas de Flores
Que, pasmada, fica a contemplar-te
Rendendo-te os maiores louvores.

O monumento, o teu castelo lendário
As tuas igrejas, simbolizando fé
Os teus jardins de aspecto sempre variado
Rainha do Algarve — és tu Loulé!

MARIALTE

Algarvia

Loulé, linda vila portuguesa
De fama e de beleza sem igual.
Tu és entre todas com certeza
A mais formosa do nosso Portugal.

És terra hospitalaria e sempre querida
De todo o forasteiro, que por ti passa
Que louva e admira a tua vida
De gestos nobres e de tanta graça.

Atrais muita gente a visitar-te
Pelas lindas Batalhas de Flores
Que, pasmada, fica a contemplar-te
Rendendo-te os maiores louvores.

O monumento, o teu castelo lendário
As tuas igrejas, simbolizando fé
Os teus jardins de aspecto sempre variado
Rainha do Algarve — és tu Loulé!

IMPRENSA Regionalista

(Continuação da 2.ª página)

importância do número dos trabalhadores que lhe batem nas lides jornalísticas da nossa imprensa e, sobretudo, patenteia ao S.N.I. o seu valor pela inscrição no cabeçalho de todas as publicações periódicas, que estão inscritas nesta Associação conforme determinam os seus estatutos.

A acção da Associação da Imprensa é muito ampla e conseguidos os seus fins, serão obtidos todos os benefícios morais e materiais para a imprensa regional e técnica. Mas, para se obter esse desiderado é necessário que todos os seus elementos contribuam com a sua quota parte para a elevar ao prestígio de representação unânime.

Vários e importantes são os problemas que o Conselho de Administração desta Associação da Imprensa tem em equação, mas que estão a ser retardados por não sentir a força precisa para enfrentar soluções de alto nível financeiro.

Cremos que o valioso e grande volume de publicações periódicas e dos seus colaboradores estão dispostos a materializar a sua adesão, mas o que é também certo é que esforço movimento se está a fazer muito lentamente, não permitindo aos seus dirigentes tomar resoluções imediatas e de vulto.

São decorridos três meses depois da instituição da Associação da Imprensa, parecendo-nos já haver tempo suficiente para todos os interessados resolverem da posição que devem tomar.

Ponhamos de parte as situações abstratas de perspectiva e inacção e vamos para a frente, cerrando fileiras em volta da nossa Associação de Imprensa.

Que todos os periódicos portugueses se inscrevam na sua Associação da Imprensa, assim como todos os indivíduos que neles trabalham, são os votos que fazemos em prol dessa justa causa.

Três anos passam depressa e em 1959 temos de realizar o Congresso da Imprensa Regional e Técnica, onde todos devem estar presentes.

Lisboa, 7 de Janeiro de 1957

A. Vieira Neves

A Voz de Loulé — Loulé N.º 102-27-1-1957

Tribunal Judicial

Comarca de Loulé

ANÚNCIO

2.ª publicação

No dia 11 do próximo mês de Fevereiro, pelas 11 horas, no Tribunal Judicial desta comarca, na Execução Sumária que corre pela 2.ª Secção da Secretaria do mesmo Tribunal contra Manuel dos Santos Guerreiro, solteiro, maior, comerciante, residente no sítio da Ponte da Tor, freguesia de Querença, desta comarca, será posto em praça pela primeira vez para ser arrematado ao maior lance oferecido acima do valor adiante indicado, o seguinte prédio apreendido áquele executado:

Prédio

Uma morada de casas, no sítio da Ponte da Tor, freguesia de Querença, desta comarca, inscrita na respectiva matrícula predial sob o art.º n.º 8 e descrita na Conservatória do Registo Predial de Loulé sob o n.º 31.263, a fls. 170, do Livro B-79. Vai à praça pelo valor de 648\$00.

Loulé, 14 de Janeiro de 1957

O Chefe da 2.ª Secção

António Ilídio Assis da Veiga

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito,

a) Marino Barbosa Vicente Júnior

.Voz de Loulé — Loulé N.º 102-27-1-1957

Tribunal Judicial

Comarca de Loulé

ANUNCIO

1.ª publicação

Pelo Juiz do Direito da comarca de Loulé correram editos de 30 dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando o requerido Manuel das Neves, casado, jornaleiro, ausente em parte incerta do Brasil, com última residência conhecida no sítio de Vale d'Éguas, freguesia de Almancil, desta comarca de Loulé, para no prazo de cinco dias, posterior aquele dos editos, contestar o pedido de concessão do benefício de assistência judiciária que lhe move a requerente Maria da Piedade, também conhecida por Maria da Piedade Neves ou simplesmente Maria das Neves a fim de poder contra o citando propor ação de divórcio litigioso.

Três anos passam depressa e em 1959 temos de realizar o Congresso da Imprensa Regional e Técnica, onde todos devem estar presentes.

Loulé, 14 de Janeiro de 1957.

O Chefe da 2.ª Secção

António Ilídio Assis da Veiga

Verifiquei:

O Presidente da Comissão de Assistência Judiciária

Manuel d'Andrade da Silva



CANTINHO das LEITORAS

Prezadas leitoras:

Eis-me de novo no vosso canto, desta vez para falarmos, em primeiro lugar, sobre:

Culinária

Devemos comer bem, mas com sobriedade e a horas fixas. As refeições desordenadas são nocivas à saúde e à organização de uma casa.

E indispensável habituar os nossos filhos a costarem de tudo. As pessoas de «má boca» tornam-se fastidiosas e desequilibradas.

Devem ser banidos os jantares copiosos, sendo preferível e racional fazer do almoço a maior refeição do dia, com os pratos mais pesados e de mais difícil digestão. Os jantares devem compor-se de uma sopa leve, um prato de carne ou de peixe (preferivelmente grelhados ou assados) com o seu competente acompanhamento, outro de vegetais um doce ou fruta, simples ou cozida.

Tudo o mais é supérfluo, desnecessário e nocivo à saúde.

Estas judiciosas palavras, cujo bom critério recomendamos às nossas leitoras, são da verdadeira autoridade no assunto: Berta Rosa Lima, escritora autora do «Livro de Panta-grela» de onde também extraímos esta saborosa receita:

Rins com arroz

Cortar em bocados pequenos um rincão de vitela, depois de bem limpo de peles e gorduras, e pô-lo a alourar em banha e 1 ou 2 cebolas picadas. Quando estão fritos deitá-los no centro de um prato garnecido com uma coroa de arroz cozido em água e manteiga e cobrir tudo com o molho dos rins, adicionado com um copinho de vinho branco e com massa de tomate ou um pouco de nata.

... E já que falamos em vinho, ficai sabendo que para retirar nodos de vinho dum tecido, basta introduzi-lo em leite fervente, devendo manter-se em ebulição até a nódoa desaparecer.

Falando de Modas...

A VOGA DAS PELES — É raro o modelo desta estação em que não entra qualquer garnição de peles.

As golas e os punhos debruados a peles, os chapéus com enfeites de peles ou delas exclusivamente feitos são «le dernier cri» da Moda actual, que pretende (e consegue) reunir assim o conforto à elegância, que «não é uma vaidade mas apenas o instinto gentil da harmonia e da inspiração ao mais elevado da arte».

Segui a Moda, Leitoras — mas não vos esqueçais que a elegância da Mulher é como o perfume das flores. Quanto mais discreta... melhor.

E para terminar, eis uma pequena amostra sóbre:

O que os homens pensam das mulheres

Disse Blondin — «A coisa pior do mundo é a mulher que fala demais. Se Deus criou o homem antes da mulher foi para lhe dar tempo de dizer algumas palavras».

Claro que o que as mulheres pensam dos homens — será melhor não dizer... não é verdade?

A vossa dedicada

Maria da Graça

Folhetim de «A VOZ DE LOULÉ»

Número 4

JEREMIAS GOTTHELF

A aranha negra

(ROMANCE)

Traduzido do alemão por E. Rocha Gomes

mas toda a gente se abeirou da criança e começou a realçá-la com insistência; um bebé admirável — uma maravilha. A mãe ficava babada com os elogios e taregavelava:

«Também gostaria muito de ir à igreja e ajudaria a recomendá-lo a Deus; pois quando se lá está mesmo em pessoa, quando a criança está a ser baptizada, sempre se pensa melhor naquilo que se pede. Além disso é-me desagradável ficar ainda uma semana inteira a olhar para as goteiras do telhado; quando há tanto que fazer com as plantações». Mas logo a avó amenizou: «Ainda se não chegou tão longe que a minha nora tenha necessidade de fazer o percurso até à igreja, nos primeiros oito dias, como qualquer pobre mulher». E a parteira, num tom cortante, acrescentava que não; que não era das melhores coisas para as parturientes, acompanham as crianças à igreja. Havia sempre qualquer coisa má por detrás, porque não podiam ter a verdadeira devoção dentro da igreja e quando regressavam a casa, apressavam-se demais com receio de que alguma coisa faltasse... e depois apanhavam muito sol e adoeciam gravemente, e muitas até morriam.

As mãos da madrinha abriram-se para a criança enfaixada em alvos coeiros, e a parteira colocou sobre ela

a veludosa capa com quatro borlas assetinadas e, tendo o cuidado de poupar o gracioso raminho de flores que estava no peito da madrinha, abençoou todos: «Ide-vos agora no Santo nome de Deus!»

E a avó, pondo as mãos em ogiva, rezou e pediu fervorosamente as bençãos do céu. A mãe porém não deixou de acompanhar o cortejo até a saída da porta, murmurando baixinho: «Meu anjinho! Meu amor! Tr

Aos nossos assinantes da África e Estrangeiro

Pedimos o favor de mandarem liquidar as suas assinaturas (em cheques, notas ou por intermédio de suas famílias) por não haver possibilidades de efectuarmos a respectiva cobrança.

Notícias Pessoais

Aniversários

Fazem anos em Janeiro:

Bm 21, a menina Maria Inês Ferreira F. Cardoso.

Em 22, a menina Maria Dulce da Silva Centeno e a menina Maria da Piedade Mimoso Rocheta.

Em 23, o sr. Manuel dos Santos, residente em Boliqueime.

Em 24, o menino Manuel Maria Polainas Bolotinha, a sr. D. Edmeia de Sousa Ramos e o menino José Manuel Mimoso Rocheta.

Em 29, o sr. Albano Maria d'Arango Faisca.

Em 30, a menina Maria da Assunção Rua Espadinha Galo e o sr. Aníbal Guerreiro Correia.

Fazem anos em Fevereiro:

Em 2, os meninos Carlos Augusto Correia Duarte e Eduardo José Mendes Delgado Pinto e a menina Maria Irene Sequeira Vaihinhos.

Em 3, a menina Rosa Maria Capelo Corpas e o sr. José Farrajota Martins.

Em 4, a sr. D. Leonilde Centeno Mendonça Carrilho e o menino Francisco Serafim Campina, residente na Venezuela.

Em 5, os srs. António Manuel Madeira Guerreiro e José de Souza Inês.

Em 7, a sr. D. Alzira Victória de Sousa, a menina Gracinda Filipe Vinhas e o menino José Manuel Viegas Ramos.

Partidas e chegadas

Na companhia de sua mãe, a sr. D. Maria Rodrigues Farrajota, esposa do nosso estimado conterrâneo e assinante na Austrália, sr. José Guerreiro Correia Felicio, partiu para aquele País o jovem desportista Herlander Farrajota Correia, seguindo de avião no dia 25 do corrente.

Era um dos melhores elementos do Grupo Desportivo «Os Unidos», de Loulé onde desfrutava de geral simpatia, traduzida pela compariência na Est. de C. Ferro de algumas dezenas de consócios, camaradas de equipa e amigos, que lhe fizeram uma emocionante despedida.

Em viagem de negócios, deslocou-se a Lisboa o nosso prezado amigo e assinante sr. Adelino dos Santos Ferreira.

A fim de se juntar a seu marido, partiu para a Austrália a sr. D. Maria Romana da Mana, residente em Loulé, acompanhada por seu filho José Maria de Brito da Mana, tendo seguido de avião no dia 25.

Esteve nesta redacção e deu-nos o prazer de se inscrever como assinante do nosso jornal o sr. Engenheiro Alberto da Silveira Ramos.

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa redacção os nossos preizados amigos e assinantes srs. Manuel Guerreiro Caetano, de Faro, José Bento das Neves e Manuel da Palma, de Boliqueime.

Casamentos

No preterido dia 23 de Dezembro realizou-se em Lisboa o enlace matrimonial da nossa conterrânea sr. D. Maria José Farrajota Laginha, prenda filha do nosso prezado assinante sr. Joaquim Lourenço Laginha, abastado proprietário nesta vila e da sr. D. Maria das Dores Farrajota Laginha (falecida), com o sr. António Ribeiro do Santos, funcionário do S. N. I. em Lisboa, filho do sr. Pedro dos Santos e da sr. D. Delmira Ribeiro Santos.

Apadrinharam o acto, pela noiva, seus irmãos, sr. D. Maria da Piedade Farrajota Laginha Esteves e o sr. Manuel Farrajota Laginha; pelo noivo, seu irmão sr. D. Maria de Loures Ribeiro dos Santos e o sr. João Ribeiro dos Santos.

Após a cerimónia foi servido um fino «copo de água» em casa dos noivos, que fixaram residência em Lisboa.

O novo casal desejamos uma vida conjugal plena de felicidades.

Falecimentos

No passado dia 20 faleceu nessa vila o sr. Manuel Martins Farrajota, de 72 anos de idade, proprietário, casado com a sr. D. Maria Rita da Conceição, residente nos Olivais de Santo António freguesia de S. Sebastião.

O extinto era pai das srs. D. Maria Martins Farrajota e D. Vitoria Guerreiro Farrajota e sogro do sr. Joaquim Bernardo, todos residentes em Loulé.

A família enlutada os nossos sentidos pésames.

VENDE-SE

UMA CASA com frente para a Avenida Marçal Pacheco e Rua Eng. Duarte Pacheco, com 6 divisões e armazém.

Tratar com José Aguas Pereira — LOULÉ.

Visado pela Comissão de Censura

O problema da Educação

(Continuação da 1.ª página)

Ensino de Direito à indicação das disposições de lei escrita e dos usos e costumes, a uma coisa empírica, fastidiosa, desenxabida e morta.

Não obstante, parece assim que A. Santa Clara atribui à mistura das matérias ser a aula reduzida a decorar frases em vez de nela se integrarem conceitos (Correio do Sul citado).

Se assim fosse, a culpa não seria da matéria mas do mestre e teríamos de eliminar as disciplinas de matemática, de história, de filosofia, etc., porque certo professor se limitava a fazer os alunos decorar frases...

Cremos que as aulas de moral se não reduzem a ensinar os alunos a decorar padres-nossos, nem o ensino da religião fica confinado ao sentimento, com prejuízo do conceito de justiça, como acção de um julgamento constante aplicado à vida quotidiana segundo o nosso conceito moral (Correio do Sul de 20/9/56).

Ponhamos de parte a restrição de A. Santa Clara expressa pelo nosso da frase transcrita, não lhe dando a significação de admitir uma moral privada para uso particular de cada um, uma vez que o próprio articulista entende que a moral é um valor imutável e eterno, um imperativo que transcende todas as disposições particulares, que ultrapassa o rumo da história e o espaço limitado das coordenadas geográficas (Correio do Sul de 23/8/55).

Atenhamo-nos porém aos dois conceitos fundamentais à volta de que A. Santa Clara faz girar o problema moral (honestidade e justiça) ao fim principal do ensino dela, a construção de uma consciência e a formação de um carácter.

Se A. Santa Clara se debruça sobre qualquer devocional, aí achará o guia orientador do cristão para o exame de consciência diário, um meio para o tal julgamento aplicado à vida quotidiana de que nos falas.

A matéria ministrada na tal Aula em que se mistura a moral com a religião, deve ser conducente a que o

Dr. Aires de Lemos Tavares

(Continuação da 1.ª página)

admiradores do Dr. Aires de Lemos.

O auto de posse foi lido pelo Dr. Trigo Pereira.

Usando em primeiro lugar da palavra, o Dr. Correia do Nascimento endereçou ao novo empossado as suas saudações com o agradecimento por ter aceitado o difícil cargo de Presidente da U. N.

Referiu-se ao Dr. José Bernardo Lopes, que o Dr. Aires Tavares agora substitui, à amizade que o ligava a esse grande vulto político de Loulé e ao prestígio que o mesmo

disfrutava.

Ofereceu ao novo Presidente da U. N. o apoio da Comissão Distrital e disse estar convencido que a Comissão Concelhia estava entregue em boas mãos pelo que desejava ao empossado as maiores

venturas.

O sr. José João Pablos, Vice-Presidente da Câmara que também se achava presente, realçou as qualidades de carácter e de inteligência do empossado, afirmando que o fazia, mais como amigo do que como representante da casa.

Por último, o Dr. Aires de Lemos Tavares, agradeceu aos referidos oradores as palavras amáveis que lhe dirigiram, referiu a maneira como encara a sua escolha para o exercício deste cargo político e delineou o critério que pensa seguir nas relações com as diferentes entidades com quem tiver de tratar ao abordar os problemas cuja resolução dele dependa.

Afirmou as suas acentuadas convicções nacionalistas e prometeu que trataria sempre com a maior isenção e objectividade os assuntos dependentes de resolução da U. N. concilia e disse contar com a melhor cooperação por parte das organizações a que fica subordinado.

Felicitamos sincera e calorosamente o sr. Dr. António de Sousa Pontes, confiando que da sua porfiada e inteligente actuação resulte a solução dos muitos problemas que interessam aquela estância balnear.

(Continuação na 3.ª página)

Junta de Turismo da Praia de Quarteira

Dr. António de Sousa Pontes

Por despacho de 5 do corrente, do Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo, foi nomeado Presidente da Junta de Turismo da Praia de Quarteira, o nosso muito prezado conterrâneo e distinto colaborador, sr. Dr. António de Sousa Pontes, cuja posse lhe será oportunamente conferida pelo sr. Dr. Eduardo Brazão.

Felicitamos sincera e calorosamente o sr. Dr. António de Sousa Pontes, confiando que da sua porfiada e inteligente actuação resulte a solução dos muitos problemas que interessam aquela estância balnear.

(Continuação na 3.ª página)

Pontos nos ii

Por A. Santa Clara

LGUMAS pessoas me têm perguntado se as considerações formuladas no artigo «Apropósitos», do último número de «A Voz de Loulé» me dizem respeito e qual a minha opinião sobre o que ali se escreveu.

E' evidente que, à primeira destas perguntas só poderá responder o autor do referido artigo. Eu limitar-me-ei a exprimir-me nestes termos: estou convencido que sim. Por mais estranho que o caso se me apresente é esta a minha convicção. A segunda parte da pergunta direi que a minha opinião distingue neste caso, dois aspectos: a apreciação do Acto e a apreciação da Doutrina.

O acto não posso apreciarlo publicamente, já porque nada me autoriza a afirmar a minha pessoa onde o meu nome não existe, já porque por temperamento e educação sou avesso a tudo o que não é claro e bem definido. Não sei batalhar na sombra e detestava tal sistema. A Doutrina, essa contém matéria interessante cuja apreciação está, e continua sendo feita no decorrer dos artigos que presentemente me ocupam, a saber: O Problema da Educação, A Propósito de Poesia, em «A Voz de Loulé», e O Positivismo, no «Correio do Sul».

Satisfazendo deste modo a curiosidade do leitor, continuemos nesta tarefa pacata e sem lucro, de escrever alguma coisa — tarefa pela qual me limito a satisfazer o que outros me solicitaram.

Apropósitos

D. Quixote — Toda a gente, medianamente lida, conhece ao menos de nome ou lombada a obra-prima da literatura espanhola. Já será menor, muito menor, o número dos que efectivamente leram o livro das aventuras do famoso fidalgo manchego. Em todo o caso toda a gente está de acordo em que D. Quixote simboliza os homens que sonham impossíveis, que tudo transformam pela força do sonho, que continuamente andam na lua, que tomam sempre o ideal como realidade suprema e única, e que sempre invariavelmente dão, como se dizer-se, com os burrinhos na água, ou com os focinhos nos moinhos de vento.

Também toda a gente sabe que Cervantes criou a figura de Sancho, como a outra face do sonhador idealista. A este fez magro, ao outro gordo; a um apresentou como cavaleiro do ideal, ao outro como sólido porta-voz do senso comum das realidades.

Mas, mesmo caricaturando o magro, não deixou de mostrar que é a ele que dá mais valor, pois que põe o Sancho como criado do Quixote e nos mostra que, por vezes, a manha loucura transfiguradora do fidalgo se pega ao gordo San-

(Continuação na 3.ª página)

Portas usadas

Vendem-se portas usadas, de interiores e exteriores, em estado novo. Tratar com José Rodrigues Cata-rino — Ameixial.

Diário

Jan. 3 — Protesto

Quase todos os filhos têm pretensões de ensinar os pais. Parece-me lógico, sob um certo aspecto. As vezes, consegue-se o que se pode classificar de um certo éxito. Impõe-se indirectamente; destrói-se com o desejo de edificar; modifica-se o que parece estar mal.

Diz-se que os brasileiros são nossos filhos. De Portugal... Pois aqui aplica-se o meu primeiro parágrafo. Que quererão os brasileiros fazer da nossa língua? Do nosso português isolado?

Acção escrevem aga. Actualidade passaram para actualidade. Facto é agora fato. (Odeiam os e c. parece...) E muitos outros exemplos por afora.

Vou fugir de quaisquer comentários sobre este assunto tão delicado. É que, embora goste de filologia, não sou filólogo.

Mas (há aqui um mas) para que assinaram os nossos amigos brasileiros o decreto 35.228 de 8/XII/1945? Sim, para quê???

Jan. 5 — Sonhos de Poeta

Sonhos de Poeta!

Ilusões de instante gravadas p'ra sempre em traços subtils que fazem sonhar

Versos vibrantes cantando o amor e a felicidade ou ais distantes lamentos de dor e de saudade

Sonhos de Poeta mundos neste mundo

Mundos de ilusão num mundo de realidade...

Jan. 8 — Rotina

Agora já não é no café. Não importa que chova ou que faça uma noite bonita. Aliás, quando chove, o gruinho nunca se reune: põem-se em dia as leituras...

Todos os dias, há pois, a troca de impressões. Fala-se disto e daquilo, mas sempre com o desejo de construir. Os assuntos de momento são os mesmos dos nossos avós, no seu tempo. Fala-se da vida, do que está mal e do que está bem, apontam-se soluções, desejam-se futuros, etc.

E no outro dia, cada um procura realizar um pouco das suas aspirações...

Jan. 10 — Parabéns?

O Manuel tem 32 anos. Trabalha na mesma fábrica onde eu trabalho. Disse-me há dias:

Há oito anos que namoro a minha Maria. Prometi-lhe que só casaria quando fosse aumentado, e aqui estou, cada dia mais velho, à espera do meu aumento. Mas agora...

É verdade. Correu célebre a notícia do aumento aos operários corteiros. O último aumento foi há 10 anos. E agora, mais 16 / , sim eles falam em 16%. Mas, quantos por cento aumentou, nestes dez anos o nível de vida?...

Estás de parabéns Manel. E vocês Maria, que conhecem pelas descrições que o Manel me faz todos os dias... Estão de parabéns muitos milhares de portugueses, também...

Jan. 13 — O mar (A. M. L.)

Como é lindo o mar que se transforma em espuma e beija as areias douradas da praia!

Como é forte o mar que ruge feroz e ataca os rochedos escuros da costa!

Como é duro o mar quando se encrespa engolindo os barcos e os homens também!

Como é triste o mar nas noites de solidão semeado nostalgias nos meus olhos de poeta!

Como é grande o mar que separa as gentes deixando nos corações a palavra saudade!

Como é belo o mar! Tão vermelho! Tão sereno! que contemplo embevecido contigo a meu lado!...

Jan. 14 — Aniversário

Dia de anos a plantar-me sorrisos nos olhos lacrimosos

Como se hoje não houvesse espinhos na rosa da vida

(Desconto anual poema do passado que vou esquecer num franco abrir de braços à vida que não espera...)

Casmiro de Brito

O Carnaval DE LOULÉ